

# A Galíza em nós, rede de entendimentos

JERUSA PIRES FERREIRA

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

A Galíza em mim foi e é uma predestinação, uma presença, memória e lugar de afetos profundos.

Aos 10 anos de idade tive a sorte de conhecer Maria del Rosário Suarez Claro (a mesma que seria depois Maria del Rosario Albán), no Instituto Feminino da Bahia, onde estudamos. Ela era a mais inteligente e disciplinada, a melhor aluna da classe. Eu a mais inquieta, ativa, tocando sanfona e cantando e querendo conhecer sempre mais. Ficamos muito próximas ao longo da vida. Ela, responsável por me introduzir em seu mundo, que foi sempre um motivo de encantamento.

Passei a frequentar sua casa em Santo Antonio da Mouraria, no Bairro de Nazaré, na Bahia, junto do armazém (o famoso 68) de seu pai, Sr. Manolo que, juntamente com Dona Aurita formava um inesquecível par, elegantes e ciosos ambos de suas práticas e de suas conquistas.

O mundo dos imigrantes galegos se oferecia, nos detalhes do cotidiano, e me apresentava os seus impasses e as muitas descobertas. Passei a participar dos relatos familiares, contemplando através de fotos e de narrações da vida dos parentes que ficaram na distante aldeia Gajate, tão perto de Ponte Vedra e tão distante da nossa Bahia tropical.

As referências foram se tornando cada vez mais vivas e, de repente, eu me sentia dialogando com o tio Xesus ou com a tia Preciosa. E palmilhando os caminhos, da terra e os dizeres da gente que eu parecia conhecer de tão perto.

E Rosário, a quem devo tudo, a partir desta iniciação, me traria para perto de uma das culturas mais fortes, em sua ancestralidade, e que em certa medida, tanto se aproxima do nosso mundo sertanejo no Brasil. Assim, a cada passo, entre as histórias da prima Lourdinha, das tias, dos tios, do sr. Germano, de Lucita, eu ia adentrando o

mundo de uma Galíza baiana que se tinha formado na Mouraria. Fui conhecendo expressões, ritos, modos de ser, de expressar, de estar nas vivências de uma daquelas culturas em diáspora, embarcadas para o mundo, na criação de seus espaços, de outros espaços em outras terras.

José Hamilton ou Pepe, o único irmão de Rosário era para nós um modelo, de inteligência, de sensibilidade, de atuação. Estudante de engenharia, ajudava o pai e depois iria para o Recife, tendo enfrentado os tormentos das perseguições do tempo da ditadura militar no Brasil.

Desde muito cedo então, em plena adolescência, eu conseguiria chegar, pelas mãos de Rosário, ao alumbramento da poesia de Rosalia de Castro, ao volume de sua obra poética. E passei a me situar com reverência diante daquela Grande mãe de uma cultura, de cuja varanda, se poderia dizer que dava para seguir a grande partida dos galegos para o mundo. *Os paxarinhos piadores, o vento muxindo como unha vaca*, a natureza animizada frequentavam o meu imaginário e evocavam aquele mundo de diminutivos, de procissões, de ternura e também de pobreza e de amargura. Fui tocada de perto por aquilo que os fazia partir em busca de novos mundos, enfrentar dificuldades e preconceitos. Fui me detendo em signos fundantes da Galiza: a pedra, as *rias*, a *choiva*, a *morriña*. Um aprendizado constante, que foi crescendo e se tornando cada vez mais parte de mim.

Estudamos juntas, aliás, ela sempre melhor do que eu, no Colégio Estadual da Bahia, e entramos assim na Universidade Federal da Bahia. Atingimos o curso de Letras, de onde fomos brutalmente arrebatadas por casamentos precoces (aliás casamos no mesmo dia) e pelo estatuto da mulher de então, que exigia de nós aprendizado de culinárias e bordados. Nunca aprendi e ela tentou mas não creio que tenha conseguido grande êxito. Retornamos depois à Universidade, eu antes e ela depois, e acabou sendo minha aluna no Curso de Letras em que eu ensinava Literatura Portuguesa na Universidade Federal da Bahia.

Mas, ao que parece, a Galíza me queria e eu a ela. Estava mais que escrito...

Depois de extensa experiência de vida e profissão, vamos percorrendo o mundo de várias maneiras, traçando nossas cartografias, demarcando possibilidades. Através de amigos esparsos, cujo contato é possibilitado pelos novos meios de comunicação, pela vivência mais ou menos intensa de certos lugares mas sobretudo pela geografia afetiva que conseguimos criar, vamos vivendo intensamente certas culturas. A partir dos eixos da memória, dos encontros e afinidades, e dos deslocamentos onde atuam circunstâncias especiais, somos acolhidos, descobrimos ou reinventamos as amizades e o amor.

Tenho viajado por muitos cantos do mundo, Oriente e Ocidente, grandes e pequenas cidades, sempre com respeito e interesse, maior ou menor intensidade das boas vivências, naturalmente.

Mas através de Rosário ou, para além dela, me encontraria em definitivo com a Galíza, ao que parece, a vida foi querendo assim.

Ainda jovem estudante na Universidade Federal da Bahia, intensificou-se o meu contato com um dos maiores poetas baianos: Godofredo Filho, de Feira de Santana, amigo do meu pai e que, inexplicavelmente, escreveu e publicou *Poemas Galegos*, belas peças numa espécie de língua galega construída por ele, uma *koiné* em que o galego se configurou, por força de seu misticismo, de sua religiosidade e pela procura de uma linguagem que guardasse a inteireza não desgastada, como uma linguagem em seu nascedouro. Em Godofredo ressoaram o espanto, as «ondas tredas do medo», a eternidade. Eu passaria a estudar a obra do poeta, a organizar o glossário de suas composições em galego, procurando ver as constelações léxicas que ele nos oferecia juntamente com sua idéia de uma Galíza poética. Foi quando descobri os ensaios de Otero Pedrayo, e quando pude ler os textos de Curros Enríquez e de Pondal. Organizei os poemas galegos de Godofredo para edição, procurando rastrear sua misteriosa passagem pela Galíza, um enigma ainda não resolvido.

Muitos anos depois, um dia me telefonam da Galíza, Rosário dera meu telefone a Xesus Alonso Montero, que tinha lido na *Revista Ocidente* de Portugal meu trabalho sobre os Poemas Gallegos de Godofredo Filho, e me convidava para participar de um Congresso realizado em Santiago no ano de 1993, o encontro de poetas alófonos, ou seja, aqueles que escreviam na língua dos outros e no caso, a galega.

Acolhida como raramente o fui, nas terras de Santiago aprofundi meu encontro com aquela cultura, estreitei laços com pessoas, colegas, jornalistas, escritores, professores. Instalei-me com perplexidade diante da grandeza daquela arquitetura, a mole delirante da catedral de Santiago, impressionando sempre. O contato com amigos teve grande importância em minha vida. Vi por muitas vezes chover o tempo na Santiago eterna. Visitamos, e eu nem podia acreditar, a casa de Rosalia, participamos de uma homenagem a Garcia Lorca, com leituras de poemas seus nas ruas de Santiago, de seus *Poemas galegos* e entre eles: *Chove em Santiago meu doce amor*, que eu sabia de cor. Aurora cantou e Andrés Pociña, inteligente e suave, nos apoiou em sua erudição. Conheceria aí, nesta ocasião, o meu grande amigo Mario Hernandez, castelhano com sutis e profundos vínculos com a Galíza, ensaísta de grande requinte.

Mas foi também nesta ocasião que tive um daqueles encontros definitivos, espero. Miguel Anxo Seoane, entre tantos outros amigos, guardados em evocações carinhosas. Foi muito forte a sua responsabilidade e ação. Passei a acompanhá-lo, a querer apreender com ele sobre vida, arte, poesia deste povo – ele um dos maiores apaixonados por sua terra, por sua gente, por tudo o que tenha a ver com a grande pátria galega. A rua do *Horreo* seu espaço, se transformaria provisoriamente no meu, o vinho, o pão, o presunto gallego de Ourense. Naquele *Café Derby* via passar as pessoas, partirira para provar a torta de *almendras* com a cruz do Apóstolo, *o pulpo a*

*la plancha*. Fui por sua mão desvendando, conhecendo, sorrindo, criticando e sobretudo enchendo-me de amor por esta terra, dos passeios a pé, das andanças por todas as livrarias, do livro de cada poeta a me interessar. Guardei com intensidade o conhecimento de cada banco de pedra, da quintana dos mortos, dos lugares daquela cidade eterna - eixo do mundo, Santiago.

A sonoridade da língua galega me conduzia, expressões, pausas, descansos. Coube-me, então, e em seguida apresentá-lo a Rosário.

Descubro também uma escritora que se tinha apaixonado pela Galiza, indo viver em Ponte Vedra. Maria Vitoria Moreno, a quem devo tanto, de acolhida, de passar pelas rias do norte, pelos pinhais, e que me abrigou em sua Casa. O celtismo de Ponte Vedra se apresentava a mim em mitos e nomes, em calhas de escoamento das águas, e até no cultivo, a meu ver excessivo, que leva a recompor em detalhe a pátria céltica, e digo que não sem razão... Afinal sopra a gaita gallega, bufa.

E tendo a Galiza nos poros continuei a cultivar e então a transmitir a Rosário os meus encontros e achados, sucessivamente.

Até que um dia conheço Antonio Dominguez Rey, através de indicação do poeta Regis Bonvicino. Telefonei para ele em Madrid e naquele tradicional Gijon, sorvendo um leite merengado, fui convidada para o encontro sobre *Tradução e de Poesia*, que se realiza anualmente em Rianxo, perto de Santiago. Por ele passei a pertencer à AULIGA, uma instituição que corre livre, aliciando temas galegos, adeptos, estudiosos desta cultura, a propor e conduzir desafios.

Naquele pequeno porto marinheiro, descobriria a Vida, a alegria de ser, a alba de Rianxo, o canto da alma e o grito das gaivotas, os tamarindeiros perto do mar, plantados pelos galegos que vinham do Brasil, e dos barcos pesqueiros que oscilavam ancorados, como que a nos contarem de outras partidas. As gaivotas completavam mesmo o cenário, perto da pequena pousada em que nos hospedamos. E em torno de Antonio era um caminhar por aquelas pedras, era um ouvir e discutir poesia, era saber que nos aguardavam o *rodaballo* ou a boa *merluza gallega* e mais os *pimientos de Padrón*. Incomparáveis. E também saber que a pequena igreja medieval nos esperava, silos e cruzeiros e que naquele momento Rianxo era o começo e o fim do mundo. Foi ali que conheci a poeta Helena Villar Janeiro, ali pude lê-la, uma poesia requintada, como as vestes de sua estátua grega: Frasilia.

Ao voltar para Santiago, ficaria no *Hotel Gelmirez*. Onde me tinha visitado o amigo e estudioso Xosé Salgado, ao abrir a janela, e ver aquelas serras e *lonxanias*, decidi enfrentar a *choiva* e ouvir meus passos sob as arcadas de Santiago. Chegando à Catedral me sentia tão leve, parecendo que em névoa se evolava a grande massa de pedra.

No ano seguinte, por força deste querido amigo que acredita em sua terra, lugar de nascimento e faz de sua história um incentivo de amor a ela, retornaria e mais uma

vez Rianxo, aos poemas, aos barcos, às andanças e o encontro com uma pessoa que também chegou para ficar: Pedro Aullón de Haro, com quem conversei tantas horas sobre o silêncio e o movimento dos barcos, e a quem estou ligada por laços de amizade e de trabalho.

Trouxe para Rosário o catálogo da exposição de Anxeles Peña, seu livro de poemas. Em tudo eu me lembrava de Rosario, de como em minha meninez sua terra foi plantada. E fui lendo autores brasileiros tocados pela Galíza, e fui passando por Cecília Meirelles, por Murilo Mendes, pelo caldo *gallego* pelos *pulpos* em suas variações infinitas, pelo poema da chuva em João Cabral de Mello Neto. E há momentos em que a gente chega a agradecer a Deus, mesmo quando não se é religioso, de estar vivo, e de poder ficar ali precisamente naquele lugar e com aquelas pessoas.

Houve também a ida à Coruña, em cuja universidade, pude ler os poemas de Godofredo Filho, e onde tive a sorte de conhecer os poetas Casimiro de Brito e Arlindo Arbeitos. Foi um encontro no qual não parávamos de falar, de nos dizer as sensibilidades, e até chegamos a ficar falando em alemão, curioso gesto aproximativo e de cumplicidade, nas ruas da Coruña. Ali pudemos, pelas artes de Doninguez conviver com o sensível poeta Egito Gonçalves, hoje falecido, e sua mulher Rosa Alice Branco.

Voltando a Santiago, a acolhida plena, instituições visitadas, projetos de memória galega percorridos e o Museu do Povo galego, onde Castelao me invadiria o olhar, onde eu saberia porque aquela arte tinha conquistado uma perenidade. Naquele espaço revivia em mim também a poesia dos trovadores galegos medievais, que há anos eu evocara, contemplando o mar de Vigo.

Em muitas destas últimas andanças me acompanhava o meu orientando Joasias Abdala Duarte, em quem veicularia minha paixão pelos temas galegos e ele por sua vez me propiciaria encontros de outras pessoas e novos conhecimentos desta terra.

Mas, suavemente, através de Miguel Anxo, e falando com ele sobre Rianxo, passei a conhecer de muito perto a Poesia de Manoel Antonio e o seu texto *De catro a Catro* que juntamente com Josias (e isto é outra história), estou tendo o atrevimento de traduzir ao português.

Por isso é que, neste momento, tenho de agradecer a Rosário (nascida em Santa Cruz de Tenerife) o fato de ter partilhado comigo sua terra galega, seus parentes, seus relatos, o universo de Dona Otília e Sr. Domingos, seus sogros, sua memória. Quero dizer a ela quanto admiro também o seu trabalho de recuperar a voz galega na Bahia, através dos romances gravados e editados, através de uma conjunção que continua nos aproximando, fazendo com que não tenha sido em vão que tantos mares se cruzassem...

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Pires Ferreira, Jerusa (1994): «A poesía em galego de Godofredo Filho: entre sol e sombra». In Montero, Xésus Alonso; Salgado, Xosé M. (ed.), *Poetas Alófonos em Lingua Galega*. Santiago de Compostela: Galáxia, p. 211-220.
- Pires Ferreira, Jerusa (1998): «Escritores brasileiros e a Galícia». In Albán, Maria del Rosário Suárez (Org), *I Simpósio de Língua e Imigração Galegas na América Latina. Anais*. Centro de Estudos da Língua e Culturas Galegas. Salvador: EDUFBA, p. 31-49.
- Pires Ferreira, Jerusa (1993): «Santiago: signos, analogias, emblemas». In *Boletim Galego de literatura estudos de orientación universitária*. Santiago.
- Pires Ferreira, Jerusa (1971): «Os poemas galegos de Godofredo Filho, poeta da Bahia». In *Ocidente*, nº 81. Lisboa, p. 213-225.